

Colóquio Internacional Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br



Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas
Grupo de Análise de Telejornalismo



“Conversa leve” e “embate intelectual”: Marília Gabriela entrevista

Fernanda Maurício

O jornalismo tem sido construído, desde o século XIX, enquanto discurso que carrega em si a natureza racional da sociedade. Como espaço de formação da esfera pública burguesa, o jornalismo seria a instituição social responsável por informar os indivíduos sobre seus papéis sociais numa democracia. Tal visão habermasiana do jornalismo tem sido confrontada nas últimas décadas, mais marcadamente a partir dos anos sessenta do século XX, com uma sociedade em que as formas de poder estão dispersas nas micro-relações sociais e que tem posto em pauta questões como prazer, entretenimento e intimidade como igualmente legítimas na construção cultural. Sendo assim, o prazer e a diversão dividem espaço com a racionalidade e o debate. Como o jornalismo contemporâneo dialoga com essas duas realidades? Nossa proposta no presente artigo é mostrar essas duas propriedades do jornalismo por meio da análise do *Marília Gabriela Entrevista*, programa jornalístico de entrevistas que, segundo o site da emissora que o transmite, a GNT, é capaz de combinar uma “conversa leve” a um “*embate intelectual* igualmente cativante para quem está assistindo”. Nesse programa, é na condução da conversação, e não tanto nas características estéticas, que os elementos da racionalidade e do entretenimento casam-se de modo a construir uma informação relevante para os telespectadores. Nossa análise da conversação no *Marília Gabriela Entrevista* terá como eixo os seguintes elementos: vez de falar; movimentos para início e fim da troca e duração global; os papéis e as relações entre os participantes; quadros, territórios e meios; graus de formalização, controles e institucionalização; objetivos e resultados; assuntos, temas e matérias; número de participantes e possibilidade de participar.

Palavras-chave: jornalismo, entretenimento, conversação, *Marília Gabriela Entrevista*.

A expressão *infotainment* tem sido utilizada contemporaneamente para designar o imbricamento entre informação e entretenimento, campos costumeiramente vistos como opostos. Nos estudos do jornalismo, o *infotainment* é algo danoso e prejudicial para a racionalidade e seriedade que o jornalismo solicita, uma vez que o entretenimento é tido como algo ligado ao prazer, promovendo a distração das coisas realmente sérias. Os recursos para construção do *infotainment* são inúmeros, tanto do ponto de vista de seu conteúdo quanto das estratégias semiótico-discursivas: no primeiro caso, áreas da vida prioritariamente voltadas ao prazer (esporte, cultura, moda, música, etc), ênfase na vida privada, no comportamento, no bem-estar e cuidado com o corpo; no segundo, incluir-se-iam os recursos sonoros, grafismos, vinhetas, narrativa leve e agradável, bate-papo de apresentadores de telejornais entre si e com repórteres entre outros (Gomes, 2008, pp. 7-8).

A fim de contribuirmos com essa discussão, a proposta desse artigo é investigar mais a fundo alguns desses elementos apontados como recursos do *infotainment*: a narrativa leve, o bate-papo (no que diz respeito às estratégias semiótico-discursivas) e a ênfase na vida privada (no plano do conteúdo) aqui situados na prática da conversação. Boa parte das análises que se dedica ao tema salienta a exposição da vida privada, a falta de profundidade e amenidades das conversas, deixando a análise da própria conversação em segundo plano¹. Nossa argumentação se situa na discussão entre informação e entretenimento, mas não os colocando em lados opostos. Ao contrário, o entretenimento é aqui compreendido como um valor das sociedades contemporâneas que evidencia tanto o caráter histórico e cultural do jornalismo, quanto legitima o prazer enquanto forma de recepção (Gomes, 2008).

Este *paper* propõe uma análise do *Marília Gabriela Entrevista* (exibido pelo GNT, domingo, às 22 horas), programa de entrevistas que se apresenta à audiência como uma mistura entre conversa leve e embate intelectual (como salienta o site da

¹ Uma exceção a isso é o trabalho de Sonia Livingstone e Peter Lunt (1994), que possuem uma expressiva pesquisa sobre *talk shows* como forma de fomentar a esfera pública.

emissora que o transmite) e, portanto, constitui-se num terreno fértil para avaliarmos o papel da conversação e como ela se articula com informação e entretenimento de modo a sugerir ao telespectador uma forma de recepção prazerosa e ao mesmo tempo crítica (Benjamin, 1982). Nossa análise da conversação no *Marília Gabriela Entrevista* terá como eixo os seguintes elementos: vez de falar; movimentos para início e fim da troca e duração global; os papéis e as relações entre os participantes; quadros, territórios e meios; graus de formalização, controles e institucionalização; objetivos e resultados; assuntos, temas e matérias; número de participantes e possibilidade de participar (Braga, 1994).

Nosso percurso no artigo inicia com uma abordagem histórica sobre a conversação focando nos diálogos da Grécia antiga, na “arte da conversação” estabelecida no século XVIII e nas conversações do século XX. Em seguida pretendemos perceber como a conversação foi se articulando com a dimensão de entretenimento e de informação. Posteriormente, procederemos a uma consideração sobre a conversação no telejornalismo e como o programa de Marília Gabriela atualiza esse sentido de conversação que mistura diversão e informação. Logo após, voltaremos ao nosso argumento de que o entretenimento é um valor da sociedade contemporânea e a análise da conversação nos programas jornalísticos pode contribuir para uma melhor compreensão do campo.

História social da conversação

Conquanto a conversação seja uma prática antiga, que se formou juntamente com o desenvolvimento da linguagem², as pesquisas que se destinam a compreendê-la na vida cotidiana são mais recentes. Peter Burke (1995) afirma que somente após a década de sessenta do século XX é que surgiram as disciplinas interessadas em compreender a fala, e mais recentemente ainda é que elas vincularam a fala à vida

² Segundo Stephen Miller (2006), a conversação surgiu há 50 mil anos, quando os povos primitivos começaram a desenvolver a fala. Para Gabriel Tarde (1992), um importante impulso para a conversação foi o advento da agricultura, que conferiu às pessoas mais tempo livre, “variedade de vida” (1992, p. 103) e ocasiões de reunião para os indivíduos, que permitiu o desenvolvimento da língua e, por conseguinte, da conversação.

cotidiana. Foi também nesse período que surgiram as pesquisas que buscavam fazer uma história social da conversação, tentando compreender as normas de trato das sociedades e os fatores que modificaram o modo de conversar dos indivíduos.

As principais fontes para análise da conversação na antiguidade eram os registros dos diálogos gregos, dos quais se podiam extrair duas práticas concomitantes: a conversação que se dava nos momentos de distração e tempo livre - como salientou Gabriel Tarde, “os gregos se comprazem em dialogar para passar o tempo sob os álamos que o Ilisso” (1992, p. 107) - e os diálogos sucedidos nas assembleias de Atenas, que solicitava dos cidadãos uma postura mais combativa nas assembleias, a fim de se chegar a uma decisão política. Mikhail Bakhtin (1999), ao postular o diálogo como um gênero do discurso, relata que foi com Sócrates que esse gênero nasceu, a partir dos simpósios nos quais as pessoas se colocavam umas diante das outras e o próprio Sócrates as instigava trazendo os assuntos a serem discutidos. O objetivo era a exposição de idéias sem que se chegasse necessariamente a uma conclusão, o que se constituía num método de ensino, já que os participantes eram estimulados a pensar e argumentar sobre os assuntos. Para Sócrates, o diálogo oral era superior ao escrito, pois servia à “séria sabedoria filosófica” e ao desenvolvimento ativo da mente, enquanto o diálogo escrito estava ligado à diversão (Shusterman, 2003, p. 294).

O regime democrático grego parece ter sido um fator crucial no desenvolvimento desse tipo de conversação em que o debate de idéias era permitido e valorizado. Em Esparta, cidade voltada para a atividade militar, as formas de conversar indicavam reverência aos superiores hierárquicos e o silêncio era mais presente nas relações interpessoais. Assim, Atenas foi o local de desenvolvimento de um tipo de conversação com caráter educacional e político, fazendo da ágora uma instituição social e dos diálogos uma forma de desenvolver o conhecimento filosófico.

O período posterior à Revolução Industrial e à Revolução Francesa e o Iluminismo enquanto projeto da sociedade europeia trouxeram profundas mudanças estruturais na política, economia, cultura, tecnologia e sociedade, o que implicou também novas características na forma de se conversar. A dimensão de prazer ainda

estava presente nas expectativas sobre a conversação, como fica claro na definição trazida por Gabriel Tarde: conversação é “todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, *por prazer, por distração, por polidez*” (1992, p. 95, grifo meu). O desenvolvimento das ciências, da imprensa e dos meios de comunicação (sistema de correios, novas ferrovias e rodovias), o avanço do sistema educacional nas cidades e a migração para os centros urbanos, o desenvolvimento da literatura e das demais artes transformaram ou pelo menos ratificaram algo que já estava presente nos diálogos gregos: o desenvolvimento do intelecto. A conversa não deveria ser trivial, mas deveria servir para a reflexão, por isso é que os manuais de conversação instituem como regra não falar sobre si mesmo e não tornar públicos os seus sonhos. Segundo Stephen Miller (2006), já no século XVII, Henry Fielding definiu a conversação como “o intercâmbio recíproco de idéias através das quais a verdade é examinada” (2006, pp. 15-16) e no século XVIII, a definição do Oxford English Dictionary de “conversação” era “o intercâmbio informal de informações, idéias etc por meio da palavra falada” (idem, p. 11). Ainda de acordo com o autor, a Sociedade de Literatura e Filosofia de Newcastle associava o progresso à livre conversação e David Hume acreditava que pessoas que não conversavam estagnavam intelectualmente ou tinham visões de mundo distorcidas. Participavam desse modelo de conversação, característica dos salões, cafés, clubes e sociedade, as pessoas instruídas, educadas e cultas, de acordo com a definição da época.

A imprensa e as ciências contribuem para esse novo modelo de conversação. Os jornais possibilitaram o surgimento de assuntos gerais em detrimento do “entrelaçamento de monólogos” dos séculos anteriores, em que cada indivíduo falava sobre sua própria vida, sobre seus interesses pessoais. O jornalismo colocou na pauta do dia os assuntos que seriam os temas das conversas cotidianas, assuntos comuns que interessavam a todos e poderiam, assim, contribuir para a formação da opinião pública e de um repertório de assuntos que constituiriam o interesse público. As ciências especializavam ainda mais os participantes dos salões, dando-lhe bagagem mais ampla para nutrir as discussões. Sobre isso, Tarde é enfático:

o número de assuntos de conversação cresce quando as ciências progredem e se difundem, quando as informações de todo tipo multiplicam-se e aceleram-se. Enfim, pela mudança dos costumes num sentido democrático, não é apenas o número de interlocutores possíveis que aumenta, é a sua qualidade que varia. As diversas camadas sociais entram mais livremente em conversação; e, pela emigração do campo às cidades, pela elevação do nível médio da instrução geral, a natureza das conversas torna-se inteiramente diferente, novos assuntos substituem os antigos (1992, p. 110).

Sutilmente, instaura-se aí um modelo dominante de conversação calcado na racionalidade, característica central do novo projeto de sociedade, que demarca uma distinção entre uma conversação de qualidade – a “arte da conversação” que tem como foco a discussão racional e esclarecida dos assuntos públicos – e uma conversação “primitiva”, para usar os termos de Tarde e Miller, marcada pela falta de polidez, pela temática emocional e pelo compartilhar da vida pessoal. Tanto Gabriel Tarde, quanto Stephen Miller concordam que este modelo de conversação da Europa do século XVIII e XIX é um padrão normativo para as sociedades. O que escapasse disso era visto como imaturidade, infantilidade e um traço de anti-civilidade.

O século XX, porém, assistiu a uma série de eventos que suscitaram transformações na política, cultura, economia, ciências e nas relações interpessoais. Após a segunda guerra mundial, o mundo adentrou um período de reestruturação: polarização entre capitalismo e socialismo; implantação de ditaduras militares nos países latino-americanos; confrontos bélicos na Coreia e no Vietnã; globalização econômica; aumento do potencial de consumo de automóveis, geladeiras, televisão e rádio; avanço tecnológico permitindo diminuir fronteiras geográficas a circulação de informações de maneira muito mais ágil. Todo esse clima de agitação e mudanças acendeu uma série de movimentos que reivindicavam liberdade. Na cultura, nas artes e nos movimentos liderados por minorias sociais (mulheres, negros, estudantes), o discurso de libertação - de expressão, de pensamento, do corpo, da sexualidade – confrontava o modelo dominante que os estados tentavam impor, o que implicou no

fortalecimento da contradição, do debate acirrado de idéias e da demanda social por esclarecimentos, que se pôde ver nos próprios produtos culturais³.

Tal postura se traduziu em uma mudança nas relações interpessoais. As discussões sobre sexualidade e corporalidade, trazidas principalmente pelo movimento feminista e o desenvolvimento da psicanálise, com a ênfase na subjetividade, trouxeram o prazer e a emoção como elementos emergentes na construção de uma nova esfera pública (Fraser, 2007), disputando espaço com a racionalidade. No que aqui nos interessa, a contestação tornou-se um valor legítimo nas formas de conversar, que também passou a introduzir assuntos que eram outrora tidos como temas menores, tais como relações familiares, relações de gênero, questões raciais, estética, cultura massiva. As formas de conversar, baseadas em experiências pessoais, no olhar subjetivo sobre o mundo (ao contrário da objetividade científica), no compartilhar da vida privada contradiziam os padrões normativos herdados do século XVIII, que, como vimos, deixava “o falar sobre si mesmo e o compartilhar dos sonhos pessoais” para as conversas “primitivas”, deselegantes, incultas. É por ter o modelo de “arte da conversação” como parâmetro normativo e não considerá-la do ponto de vista cultural, que Stephen Miller vai apontar o declínio da conversação. Sob nosso ponto de vista, a conversação é uma forma cultural (Williams, 1979) que, na contemporaneidade, absorveu novos valores que ecoam as transformações culturais. Por isso ela não deixa de existir, mas, como toda prática, adapta-se e reconfigura-se no processo cultural. Do mesmo modo, as conversações postas em cena nos programas televisivos vão pôr em relevo essas mudanças, colocando para os telespectadores novas formas de recepção. Neste momento, gostaríamos de destacar o entretenimento como valor da sociedade contemporânea que se coloca como uma forma de recepção (Benjamin, 1992).

³ Numa análise de programas de debate na Suécia, Örnebring (2003) mostra a mudança na natureza dos debates na TV Sueca, acompanhando as mudanças sociais.

A conversação na relação com informação e entretenimento

A distinção entre a conversação racional e a conversação “primitiva” nos permite adentrar numa discussão mais ampla que concerne à relação entre informação e entretenimento. Foi também no século XVIII que racionalidade e prazer foram colocados em lados opostos na discussão sobre a arte e sobre o jornalismo. Richard Shusterman (2003) afirma que desde seus usos mais remotos, o termo “entretenimento” esteve associado à distração, ao lazer, ao prazer. Em oposição ao conhecimento filosófico, o entretenimento forneceria distração das coisas realmente sérias. No século XVIII, autores como Heidegger e principalmente Hegel, na discussão sobre a estética, separaram a racionalidade embutida na fruição da arte, da distração provocada pela arte popular. Os autores da Escola de Frankfurt também são responsáveis por essa cisão entre racionalidade e entretenimento ao discernirem alta cultura de baixa cultura – a cultura popular massiva - cabendo à primeira o exercício intelectual, e à segunda a distração e o prazer.

Foi também nesse sentido que o jornalismo constituiu-se como esfera da racionalidade, principalmente após a contribuição de Jürgen Habermas sobre a esfera pública (1984). Ao fortalecer-se como instituição social, o jornalismo tornou-se responsável por ser o porta-voz dos assuntos sérios, daquilo que era realmente importante para a sociedade: política e economia. Tal postura configurou-se no modelo dominante de jornalismo, marcado pelo paradigma da objetividade (a não-opinião e não-emoção do repórter⁴) e de um estilo textual caracterizado pela “pirâmide invertida”, o privilégio de fatos em detrimento das opiniões. Outras formas de jornalismo que se desenvolveram no mesmo período – o sensacionalismo, por exemplo – eram consideradas uma prática depreciada, inferior, popular⁵. Por conta disso, o próprio campo jornalístico, para legitimar-se socialmente, se estabeleceu como um “não-entretenimento”, acolhendo apenas a seriedade e a racionalidade como

⁴ Ver Guerra, 2003.

⁵ Vale ressaltar que popular, nesse sentido, opõe-se à racionalidade da cultura erudita, sentido que foi privilegiado na consolidação do campo jornalístico. Para uma discussão sobre o jornalismo popular à luz dos Estudos Culturais, ver Dalghren, 2000.

normas de conduta, enquanto o entretenimento seria um valor corruptível e uma ameaça à qualidade.

Recentemente, porém, o entretenimento emerge como um dos principais valores da cultura contemporânea, fazendo-se presente em diversas esferas inclusive na construção da informação. Sendo assim, o campo do jornalismo, em sua perspectiva mais tradicional, ligada à racionalidade, à seriedade e aos fatos, tem sido tencionado pelas dimensões de prazer e diversão que o entretenimento carrega, transformando o “relato objetivos dos fatos atuais” em narrativas diferenciadas que solicitam uma nova forma de recepção. Essa relação entre informação e entretenimento não é nova, uma vez que desde o século XIX já existiam reportagens e jornais que tinham nos *fait-divers* o estilo preferencial de narrativa. No entanto, é recente a preocupação sobre esse embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, comumente chamado de *infotainment* (Gomes, 2008), uma vez que é nos produtos jornalísticos atuais que esse imbricamento se apresenta de forma mais clara.

Na defesa de um jornalismo puro e sério, o campo profissional tem argumentado que o *infotainment* deprecia a natureza do jornalismo, inserindo nas narrativas “estratégias de amenização do relato”, que se aproximam de discursos mais claramente ligados ao entretenimento enquanto indústria (cinema, quadrinhos, música e vídeo-clipes, teledramaturgia) e conteúdos que desviam a atenção dos assuntos realmente sérios (cultura, esporte, moda, cinema, etc).

Ao apropriar-se da conversação, o jornalismo pode ratificar o discurso dominante racional, acessando apenas o modelo que demonstra mais claramente essa racionalidade. Nesse sentido, a personalização e a exposição da vida privada, a “conversa leve” sobre áreas diretamente ligadas ao entretenimento seriam contrários à conversação racional. Um exemplo disso é o aparecimento de programas de entrevistas que, no Brasil, só surgiram nos anos setenta, após o abrandamento da censura imposta pelo regime militar e tinham o foco temático nos assuntos e personalidades do campo da política que não tinham espaço na televisão até então. Nesse sentido, a conversação nesses programas – *Abertura, Canal Livre e Roda Viva*

são bons exemplos deles – era marcada pelo debate intelectual dos temas sérios, fazendo jus ao conceito de esfera pública habermasiano.

A valorização do entretenimento, do prazer e da subjetividade após os anos sessenta e o processo de redemocratização reconfiguraram a própria lógica televisiva brasileira permitindo o surgimento de novos formatos que misturavam o debate dos assuntos sérios, encontrado residualmente em certos programas, ao debate mais ligado ao prazer e à subjetividade, elemento emergente na cultura televisiva. Na década de oitenta, a Globo estreou o *TV Mulher*, programa de jornalismo temático que discutia as relações de gênero e colocava o novo papel que a mulher deveria assumir na sociedade. Na estréia do programa, Marília Gabriela, que despontava no campo jornalístico como uma das principais repórteres femininas, já trazia em sua entrevista com a cantora Elis Regina as marcas que consolidariam seu estilo de entrevistar e os elementos emergentes do novo modelo de entrevista televisiva, calcado na subjetividade, no compartilhamento da vida privada e numa temática que se distanciava da política partidária e assumia o corpo, o gênero e a sexualidade como discursos políticos⁶. No SBT, emissora criada em 1980, a entrada de Boris Casoy para comentar os fatos no *TJ Brasil* e o surgimento do primeiro *talk show* da televisão brasileira, o *Jô Soares Onze e Meia*, misturando informação com humor⁷, ilustram essa fase transitória que já anunciava uma nova forma de recepção calcada no divertimento. Assim, foi o próprio campo jornalístico, a fim de legitimar-se, que estabeleceu um corte entre a racionalidade nas conversações e aquelas que se

⁶ Os vídeos dessa entrevista estão disponíveis em:
<http://www.youtube.com/watch?v=sBAhfu37x4A&feature=related> e
http://www.youtube.com/watch?v=dpTzfOjN8_0&feature=related.

⁷ Nesse momento, o *Jô Soares Onze e Meia*, embora recolhesse elementos do humor que ficavam nítidos na performance de seu apresentador, estava em conformidade com a proposta do jornalismo da época: aprofundar as informações, principalmente sobre política. Daí se justificam as entrevistas com candidatos às eleições presidenciais de 1989, momento em que o país celebrava a volta das eleições diretas. Com seu percurso em programas humorísticos e sua relação com a sátira política, Jô Soares configurava-se na cena televisiva nacional como uma figura de ampla credibilidade pois, por meio das sátiras e do modo jocoso de colocar as perguntas, o apresentador colocava os representantes políticos numa situação de constrangimento que os levava a revelar a verdade.

destinavam mais diretamente ao entretenimento, sobretudo pelos elementos da vida pessoal, pela narrativa leve, pelo bate-papo.

No entanto, o que esse artigo pretende demonstrar é que a conversação tem sido utilizada em certos programas jornalísticos televisivos de modo a recuperar seu sentido original: por meio da conversação é possível informar-se e ter prazer ao mesmo tempo, ainda que trate a vida pessoal, a subjetividade e a emoção como parâmetros. Consideramos que o entretenimento é um valor das sociedades contemporâneas que se expressa nos produtos culturais como uma forma de recepção, utilizando estratégias dentre as quais encontra-se a conversação. Walter Benjamin (1982) traz uma importante contribuição nesse sentido por tratar o divertimento como uma característica da sociedade contemporânea que traz uma forma de recepção progressista e superior às antigas.

Esta forma de recepção mediante o divertimento, cada vez mais evidente hoje em todos os domínios da arte, e que em si mesma é um sintoma de importantes modificações nos modos de percepção, encontrou no cinema seu melhor campo de experiência (...). Se ele rejeitasse basicamente o valor cultural da arte, não é apenas porque transforma cada espectador em especialista, mas porque a atitude deste especialista não exige de si nenhum esforço de atenção. O público das salas escuras é indubitavelmente um examinador, mas um examinador que se distrai (1982, p. 238).

O *Marília Gabriela Entrevista*, programa exibido pelo canal por assinatura GNT aos domingos à noite, é um bom exemplar desse modelo de jornalismo. Embora se apresente como uma “conversa leve”, o que o *Marília Gabriela Entrevista* propõe para o telespectador é informação com divertimento que acontece juntamente com o “embate intelectual”. A análise a seguir visa mostrar como, por meio da condução da conversa, é possível criar essa expectativa na audiência sem acessar tanto os elementos da linguagem televisiva e as migrações com outros campos midiáticos, como cinema, quadrinhos, música.

Marília Gabriela conversa

O *Marília Gabriela Entrevista* surgiu em 1998, como uma nova versão do programa *Aquela Mulher*, no qual a apresentadora entrevistava apenas mulheres. Transmitido por uma emissora de canal fechado que privilegia a referência ao feminino⁸, o programa acessa qualquer personalidade do campo midiático que tenha uma experiência para compartilhar com a audiência. Assim, cada convidado solicita uma temática a partir da área em que atua ou das experiências vividas

À frente do programa encontra-se uma das principais referências nacionais em entrevistas. Marília Gabriela começou sua carreira como estagiária da TV Globo, passando pelos cargos de repórter, correspondente internacional, apresentadora de telejornais e do *Fantástico* (Globo, década de oitenta), entrevistadora no programa *Canal Livre* (Bandeirantes, década de setenta), apresentadora do programa temático *TV Mulher* (Globo, década de setenta), mediadora de debates entre candidatos à presidência da República (Bandeirantes, fim dos anos oitenta), até se estabelecer no telejornalismo como entrevistadora no estilo cara-a-cara⁹, primeiramente com o programa de entrevistas *Marília Gabi Gabriela* (Bandeirantes, 1985) e pouco depois, na mesma emissora, o *Cara a Cara com Marília Gabriela*. Por meio dessa trajetória, Marília Gabriela construiu um lugar privilegiado no telejornalismo sendo reconhecida por um estilo firme de fazer entrevistas a qualquer entrevistado. Em sua lista, figuram nomes como Yasser Arafat e Fidel Castro.

⁸ Sem querer cair numa análise de posicionamentos dos sujeitos que assistem ao *Marília Gabriela Entrevista*, é necessário ressaltar que boa parte da temática do programa diz respeito ao universo feminino. O *Marília Gabriela Entrevista* é transmitido por um canal fechado que tem como um dos traços centrais de sua identidade a vinculação com o feminino. O GNT usa imagens de mulheres relacionadas à marca do canal nos intervalos dos programas. Além disso, a maioria dos programas é apresentada por mulheres (Patrícia Travassos, Fernanda Young, Mônica Waldvogel, Taís Araújo, Oprah Winfrey), os nomes dos programas se dirigem ao feminino (*Superbonita*, *Supernanny*, *Saia Justa*).

⁹ O modelo cara-a-cara das entrevistas é sobretudo uma construção de edição dos programas que fecham os enquadramentos de câmera em planos próximos, valorizando as reações das pessoas envolvidas. Ele pode sugerir intimidade e confiabilidade, ou ainda uma situação de tensão, quando procura mostrar o desconforto do convidado. No caso de Marília Gabriela, a opção pelo cara-a-cara indica uma tentativa de estabelecer cumplicidade e confiabilidade entre fonte e jornalista.

Uma vez que as entrevistas de Marília Gabriela seguem mais ou menos os mesmo moldes, nossa análise do *Marília Gabriela Entrevista* terá como recorte a edição de 7/09/08 em que a mediadora entrevistou o jornalista Caco Barcellos, repórter da rede Globo conhecido pela reportagem policial e pelo *Profissão Repórter*, programa recentemente lançado no qual Caco Barcellos, junto a uma equipe de jovens jornalistas procura mostrar “diferentes ângulos do mesmo fato”¹⁰. Por meio dessa análise, pretendemos evidenciar como este programa, por meio da conversação, solicita esse tipo de recepção em que o telespectador, ao mesmo tempo que aprende, se informa. Os operadores utilizados para a análise serão inspirados no modelo proposto por José Luiz Braga (1994) para análise das conversões televisivas: 1) vez de falar – quem coordena a fala, em que momentos a fala é solicitada e com que frequência; como se distribui a palavra e como se passa a palavra de um para outro; 2) movimentos para início e fim da troca e duração global – como se estabelece a conversação, momento para abertura e fechamento da troca, duração da conversa, enunciados presentes para iniciar e terminar a troca; 3) os papéis e as relações entre os participantes – papéis externos e internos à troca, papel de moderador; 4) quadros, territórios e meios – tudo que cerca a conversação, o local, os enquadramentos sócio-culturais; 5) graus de formalização, controles e institucionalização – presença de uma pauta ou roteiro; 6) objetivos e resultados – ataque e defesa, dar ganho de causa a uma das partes, quem tem a última palavra, efeitos de verdade; 7) assuntos, temas e matérias – sobre o que se fala, como se introduz os assuntos, o que é pertinente; 8) número de participantes e possibilidade de participar.

Pretendemos conduzir nossa análise do *Marília Gabriela Entrevista* em três direções: 1) a **personalização** – o convidado compartilha seu testemunho e sua visão de mundo; 2) a **condução da temática** – Marília Gabriela constrói questões centrais e explora os desdobramentos a partir da fala do entrevistado, criando uma unidade na conversa e uma impressão de espontaneidade que autentica a entrevista; e 3) o

¹⁰ Informação extraída do site <http://especiais.profissaoreporter.globo.com/programa/>, acesso em 29/09/08.



vínculo de proximidade que se estabelece entre Marília Gabriela e o convidado posicionando também o telespectador.

A personalização é a característica mais evidente do *Marília Gabriela Entrevista*, estando presente desde a abertura do programa, até seu encerramento. Para apresentar seu convidado de cada edição, Marília Gabriela, por meio do eixo olho-a-olho (Verón, 1983), pronuncia uma frase de um autor conhecido ou um pensamento para representar o entrevistado do dia. Na edição analisada, Marília Gabriela abriu o programa dizendo “o jornalismo é antes de tudo e sobretudo a prática diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter”. Enquanto diz à audiência quem é o se convidado, um movimento de câmera abre o plano de modo a inserir a apresentadora e seu entrevistado no mesmo quadro. Logo após a apresentação do convidado, o programa exibe um pequeno clipe com o resumo dos aspectos de sua vida pessoal e de sua carreira, motivos pelos quais ele está presente no programa. No caso de Caco Barcellos, sabemos o dia e local de seu nascimento, com quem é casado, os nomes de seus filhos, sua formação acadêmica, os livros publicados, os prêmios que recebeu e sua atuação no programa *Profissão Repórter*. Sendo assim, o programa sugere que o telespectador não está diante do representante de uma instituição, mas de uma pessoa e é seu olhar subjetivo sobre o mundo que será explorado naquela conversa.

As perguntas feitas por Marília Gabriela tentam explorar a vida pessoal do convidado, de modo a buscar em seu relato algo que o insira na temática que será abordada – no caso de Caco Barcellos, o programa *Profissão Repórter*, jornalismo, jornalismo policial, segurança pública, políticas públicas de segurança:

Marília [o jornalismo policial] foi uma escolha desde sempre ou você foi escolhido?

Gabriela:

Caco

Barcellos:

eu acho que foi uma coisa natural. Veio, acho, meio herdada da minha família, dos meus pais, dos meus tios, principalmente irmãos da minha mãe, que eram pessoas muito inquietas, muito indignadas. Eu lembro de um tio, motorista de caminhão que me ensinou a dirigir (...). Mas eu lembro, assim, de percorrer a cidade com ele e de repente a gente cruzava numa esquina, tinha dois indivíduos, ou três indivíduos batendo lá em alguém. Ele descia, brecava o caminhão, descia correndo e voava em cima para ajudar porque achava uma covardia. Ele ficava todo alterado e voltava dirigindo na maior tranquilidade. Tinha cumprido o papel dele. É um exemplo.

Como o foco do *Marília Gabriela Entrevista* é no relato subjetivo de alguém que esteja muito próximo a uma realidade, o programa não busca construir um consenso e uma verdade absoluta sobre os assuntos que levanta. A finalidade é a troca de idéias e é nessa troca que o conhecimento se constrói. O papel do testemunho no programa não se esgota na experiência pessoal, mas pode servir como referencial para a vida de telespectadores que passem por situações semelhantes. Para Daniel Dayan (2006) os testemunhos, simplesmente pelo fato de serem um relato pessoal sobre um acontecimento, entram na televisão com o peso de um argumento, o que, para ele, empobrece a discussão já que ninguém pode ser contrário a uma experiência pessoal. No *Marília Gabriela Entrevista*, no entanto, os testemunhos agregam conhecimento levando a experiência pessoal a uma temática mais ampla. Assim sendo, a experiência de Caco Barcellos enquanto repórter policial serviu para provocar uma discussão sobre as ações da polícia:

- Caco Barcellos: (...) Quando eu digo que nunca vejo esculachando o rico não estou desejando que faça a mesma coisa com o rico aquilo que fazem com os pobres. Tem que fazer as coisas como a Polícia Federal está fazendo. Você viu algum arranhão nessa gente que está sendo presa?
- Marília Gabriela: Não.
- Caco Barcellos: Alguma tortura, como eles fazem todo dia quando o pobre é acusado, alguns deles fuzilados? Algum fuzilado como a PM faz todo dia, sobretudo no Rio de Janeiro? Felizmente eles não fazem isso com os ricos. A pergunta é: por que fazem todo dia no caso do Rio de Janeiro? No ano passado, a cada quatro horas mataram um jovem nas favelas. Por que isso? Por que esse comportamento? Evidente que eles estão ali supostamente atacando traficantes armados, não é? Mas eu suspeito dessa seqüência tão grande assim, *até porque já pesquisei isso muito no passado e verifiquei na pesquisa que fiz*: no universo de 4.200 pessoas mortas, 60% não tinham cometido nenhum tipo de crime. Eram pessoas inocentes.

A própria Marília Gabriela faz relatos de sua vida pessoal para nutrir a conversa: “quando eu comecei na minha profissão, acho que eu comecei na mesma época que você, não era muito comum. Hoje em dia é muito procurada a profissão de repórter (...) e as mulheres vieram com tudo. Quando eu comecei eu era a mimada e a desprezada porque eu era a única. Fazia mal criações, porque eu era quase um

espécime raro, um bichinho em extinção. Hoje me parece que as mulheres são em maior número”.

No que diz respeito à condução temática, Marília Gabriela deixa transparecer uma preparação prévia à entrevista. Ela sempre se mostra informada sobre o trabalho do entrevistado e sobre a temática mais ampla que pretende levantar a partir de seu ponto de vista e suas experiências. No caso de Caco Barcellos, Marília Gabriela mostrou-se ciente sobre as principais discussões sobre segurança pública, usou um pouco de sua bagagem no jornalismo para explorar o papel do entrevistado no campo. Sendo assim, a fase de preparação para a entrevista é essencial para que a conversa estabelecida não perca a dinâmica.

Marília Gabriela não esconde um roteiro de perguntas sobre os assuntos a serem tratados com o entrevistado. No entanto, o programa permite um certo improviso de modo que os textos não se apresentem como se estivessem decorados pela apresentadora. Além disso, Marília Gabriela insere perguntas a partir da fala do entrevistado, deixando a entrevista mais aberta a intervenções sem seguir à risca o roteiro. Ao tratar do jornalismo de celebridades encontramos um exemplo dessas rápidas intervenções:

Marília Gabriela	Você ainda acha graça das coisas?
Caco Barcellos	Eu acho, lógico. Eu acho muito curioso.
Marília Gabriela	O que te faz rir?
Caco Barcellos	Leio também essas revistas [de fofoca].
Marília Gabriela	Ah, você lê essas revistas, Caco Barcellos!
Caco Barcellos	No mínimo eu folheio vendo as fotografias.
Marília Gabriela	Não vem com essa. Abriu, olhou, está vendo, está sabendo das fofocas. Você faz fofoca?
Caco Barcellos	Mas essas revistas têm segmentos interessantes, têm belas entrevistas muitas vezes.
Marília Gabriela	Você faz fofoca?
Caco Barcellos	Não.
Marília Gabriela	Não? No seu dia-a-dia com os seus colegas, você fofoca?
Caco Barcellos	Não. Muito pouco. Faço, talvez, piada das coisas que estão rolando na vida.
Marília Gabriela	Do que você fala basicamente no seu cotidiano quando você não está trabalhando?
Caco Barcellos	Como o trabalho é muito presente na minha vida, eu falo basicamente das experiências que tenho no dia-a-dia. Eu conheço muita gente nova todo dia. Isso me alimenta muito, me enriquece muito pessoalmente.

Para acompanhar os movimentos da troca, comandados por Marília Gabriela, o programa dispõe de três planos preferenciais: o plano próximo no convidado, na apresentadora e o plano médio com os dois frente-a-frente no quadro. Às vezes acontece um plano detalhe numa reação do entrevistado ou ainda um *close-up*, mas somente quando pretende enfatizar alguma coisa que esteja sendo dita¹¹. A câmera procura fixar em quem está falando, mas procura variar o enquadramento, não deixando no mesmo plano por mais de dez segundos (na maioria dos casos) a fim de ratificar a dinâmica da conversa. Para trocar de um interlocutor para outro, o programa utiliza o corte seco, que dá mais agilidade à conversa. Além desses enquadramentos, o *Marília Gabriela Entrevista* conta com uma câmera que faz um movimento de *travelling* no estúdio, situando o telespectador no contexto do programa. Quando esse movimento está sendo feito, uma outra câmera, atrás dela, a filma, mostrando o cinegrafista se locomovendo no cenário, os participantes da conversa e os microfones acima deles, o que nos faz lembrar que se trata de uma construção mediatizada.

Marília Gabriela não deixa que a conversa se transforme numa troca de longos discursos, ainda que a finalidade do programa seja dar visibilidade à fonte. Como o destaque está no entrevistado, a apresentadora passa a palavra para ele geralmente utilizando o binômio pergunta/resposta, já que se trata de uma entrevista, mas nem sempre. Às vezes ela introduz a fala do entrevistado por meio de um comentário: “O que eu quis dizer que [o jornalismo policial] não era para todo mundo no sentido de que você precisa ser destemido para encarar esse desafio. Você mesmo passou por algumas dificuldades no exercício da sua profissão”. Para regular os turnos de fala, Marília Gabriela faz um gesto, inclina-se para frente ou para trás, indica que quer fazer uma colocação, ou toma para si a palavra final e introduz um novo assunto, como se pode ver no exemplo abaixo sobre o programa *Profissão Repórter*:

Caco Barcellos (...) Começamos com um quadro no *Fantástico* e viramos um programa semanal...

¹¹ Na edição analisada, uma das perguntas feitas abordava a beleza de caco Barcellos, por isso foi feito um *close* no convidado.

Colóquio Internacional
Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br

Marília Gabriela ...que está todo mundo encantado. Agora diga uma coisa, vocês trabalham simultaneamente vários assuntos?

Com isso, a conversa não perde a dinamicidade, não é interrompida por silêncios e sempre tem aspectos a explorar. É como se, na condução da temática, Marília Gabriela montasse um quebra-cabeça, explorando diversos assuntos sem que se perca a unidade da conversa. Preferencialmente, o programa busca concentrar em cada bloco um aspecto temático e seus desdobramentos. Na edição analisada, o primeiro bloco foi destinado ao jornalismo e ao jornalismo policial; o segundo continuou tratando de jornalismo policial e falou sobre o *Profissão Repórter*; no terceiro bloco, o programa explorou mais o assunto da segurança pública e as políticas de segurança; por fim, o quarto bloco tratou da vida pessoal de Caco Barcellos: o gosto pelo futebol, os filhos e as experiências pessoais com a falta de segurança das grandes cidades. Para manter o telespectador e o convidado situados na condução da conversa, Marília Gabriela explica como pretende manter a conversa: “Caco, antes de falar mais sobre o *Profissão Repórter*, eu queria fazer mais algumas perguntas relacionadas ao nosso primeiro bloco. Você já se deparou com policiais honestos, respeitáveis, alguns que já tenham sido inclusive suas fontes?”. Esse cuidado do programa em manter uma divisão de assuntos também ratifica o caráter mediatizado da conversação, que precisa manter uma ordem para não ultrapassar o tempo estabelecido sem tratar dos assuntos centrais.

A consagração do estilo cara-a-cara de entrevistas, marca da apresentadora em sua trajetória no campo jornalístico, indica a criação de um vínculo de proximidade entre Marília Gabriela e seu convidado. Desde a vinheta de abertura, o *Marília Gabriela Entrevista* salienta um clima amistoso, mostrando a apresentadora sempre sorrindo, o que transparece durante a conversa. Com Caco Barcellos, Marília Gabriela deixa transparecer que se conhecem para além da troca ali iniciada. No último bloco do programa, Marília Gabriela trata da paixão do repórter pelo futebol:

Marília Gabriela Bom, o futebol? (risos)
Caco Barcellos Um sonho frustrado.
Marília Gabriela Eu tinha que mandar essa, ele adora futebol.
Caco Barcellos Um sonho frustrado.

- Marília Gabriela É?
Caco Barcellos Queria ser jogador, *você sabe*.
Marília Gabriela Mas você ainda bate bola?
Caco Barcellos Sim, na esperança do Dunga reconhecer meu talento.
Marília Gabriela Você se acha melhor jogador do que o Chico Buarque ou não?
Caco Barcellos Ah, não quero polemizar com o Chico (...).

Quando diz que Marília Gabriela já sabe que ele queria ser jogador de futebol, Caco Barcellos chama atenção para uma relação extra-profissional, ultrapassando aquela cena. Com isso, telespectador compactua com essa proximidade e passa a conhecer o Caco Barcellos homem-pai-cidadão que não aparece em suas reportagens.

O riso e a abertura para colocações como essas estão presentes em todo o programa, inclusive no toque físico, restrito ao encerramento do programa (no final da entrevista, Caco Barcellos beija a mão de Marília Gabriela). Assim, no Marília Gabriela Entrevista há espaço para essa proximidade entre os interlocutores sem abrir mão daquilo que o programa definiu como “embate intelectual”¹². Na entrevista analisada, encontramos um exemplo quando Marília Gabriela suscitou o tema políticas públicas de segurança no governo Lula:

- Marília Gabriela Você não acha curioso que o país tenha um presidente eleito duas vezes, um retirante, um migrante nordestino, um homem que saiu da ...
Caco Barcellos Uma trajetória incrível.
Marília Gabriela Uma trajetória fantástica e que, apesar disso, apesar de ele estar lá, as classes privilegiadas continuam cada vez mais privilegiadas.
Caco Barcellos É, e é um lado do governo dele, né. Porém...
Marília Gabriela Explica porque isso acontece...
Caco Barcellos Do outro lado, ele tirou muita gente da pobreza, né. Eu não sei... quem sou eu para estar analisando um governo e a figura do Lula. Não sou a pessoa mais indicada para isso. Mas me parece que ele sempre foi muito hábil e importante na liderança dos trabalhadores em busca de melhores salários, tanto que o ABC hoje tem um salário diferenciado em relação à média nacional. Porém, nos outros segmentos eu acho que ele não tinha um grupo muito efetivo para ajuda-lo e tocar os assuntos, questões nacionais como meio ambiente e outras.
Marília Gabriela É no caso da justiça que mais recentemente tem me impressionado? É a equipe dele.
Caco Barcellos Mas são poderes independentes, né, são independentes, Marília. Mesmo nessa questão da violência, que é um pouco menor do que da justiça, você tem um governador que é radicalmente contra essa política do extermínio e é justamente na gestão dele que esse extermínio aumenta, porque quem manda nessa questão do extermínio é o coronel, o chefe do batalhão. O soldado sabe que a ordem vem do chefe que vai continuar ali quando o governador for embora. Ele tem que obedecer

¹² Informação extraída do site do programa em <http://globosat.globo.com/gnt/programas/oprograma.asp?gid=20>, acesso em 7/09/08.

Marília Gabriela
Caco Barcellos

a esse coronel. É uma questão, parece particular, mas que ajuda a explicar muito. sim, há uma teia...

Eu acho que hoje o presidente não consegue governar por iniciativa própria. Há toda uma circunstância que faz que ele obedeça os seus limites de ação. Os governantes sempre se queixam disso: “eu tento fazer, mas eles não deixam”. (...) Eu acho que quanto mais evoluída a sociedade, menor o poder de dependência, eu diria, de exercício da vontade própria do presidente e tem que ser assim, a sociedade que define os rumos.

Marília Gabriela
Caco Barcellos
Marília Gabriela

Nesse sentido, então, nós estamos indo muito bem (riso).

Não, Marília, eu acho que tem coisas, feridas que a gente não tem tocado...

Eu fui cruel. Não, eu fui cruel (risos).

A conversação encenada no *Marília Gabriela Entrevista* chama atenção para um posicionamento diferenciado da audiência. Como forma de estabelecer uma distinção de papéis em que Marília Gabriela comanda e regula a conversa, apenas ela está autorizada a olhar para a câmera e isso acontece na abertura e no encerramento de cada bloco, apenas com a finalidade de introduzir o telespectador na cena. O lugar da audiência é tão diferenciado que Marília Gabriela apenas coloca os óculos para olhar para a câmera, como se também aí estivesse construindo um outro lugar: o de apresentadora de um produto televisionado. Após esse breve contato, Marília Gabriela tira os óculos, volta-se para seu entrevistado e foca apenas nele.

No entanto, o programa procura uma aproximação com a audiência por meio dos conhecimentos solicitados, que também são extra-conversacionais, e por meio de breves intervenções em que a apresentadora se dirige para o telespectador. Para acompanhar o *Marília Gabriela Entrevista*, o telespectador precisa em primeiro lugar conhecer o lugar que o entrevistado vai ocupar naquela conversa. A primeira pergunta do programa visa legitimar Caco Barcellos para tratar dos temas que ali serão discutidos: “Caco, o que faz você ser considerado um dos maiores repórteres do Brasil?” Sendo assim, o repórter se diferencia no contexto do programa por apresentar o olhar de alguém que vive perto da realidade do crime, que pesquisou, que investigou o assunto e é reconhecido por isso junto à comunidade profissional com dois prêmios Jabutis.

Além disso, é preciso que o telespectador esteja inserido nas discussões mais amplas que circunscrevem aquela troca. A conversação no *Marília Gabriela Entrevista* não é um fim em si mesma, mas solicita um enquadramento sócio-cultural

do telespectador nos temas que aparecerão como pano de fundo da troca. Na edição analisada, Marília Gabriela faz uma referência a um desses assuntos: “em várias entrevistas suas, Caco, você disse que nunca viu a polícia entrar esculachando em casa de rico. *Agora nós vimos isso acontecer com a prisão do Daniel Dantas, do Nagi Nahas há um tempo atrás.* Eu queria saber: chegamos à igualdade, isso é suficiente, a polícia esculachar todo mundo, pobre e rico?”. Sendo assim, há um compartilhamento de certos conhecimentos que são prévios à conversação desempenhada por Marília Gabriela e seu convidado.

Uma outra tentativa de aproximação é quando Marília Gabriela se dirige à audiência para fazer uma ressalva. No exemplo citado mais acima, quando a apresentadora pergunta a Caco Barcellos sobre o futebol, ela se dirige para a câmera e diz: “eu tinha que mandar essa, ele adora futebol”. Com isso, ela pretende introduzir o telespectador em algo que é partilhado apenas pelos dois de modo a colocar o telespectador no vínculo ali estabelecido.

Considerações finais

A análise da conversação do *Marília Gabriela Entrevista* nos faz voltar um pouco no nosso pressuposto inicial. Aqui, informação e entretenimento se casam de modo a ratificar aquilo que Walter Benjamin anunciou sobre o entretenimento enquanto forma de recepção e que na cultura contemporânea, os indivíduos percebem os produtos da cultura enquanto se divertem.

Por meio da personalização das informações, calcada nos testemunhos pessoais e no partilhar subjetivo de uma visão de mundo, da forma de condução da conversa, que migra de assuntos a centrais previamente estabelecidos para questões improvisadas derivadas da fala do entrevistado, e da criação de um vínculo entre apresentadora/ convidado e entre programa/audiência, o *Marília Gabriela Entrevista* sugere ao telespectador uma forma de recepção tão prazerosa quanto as conversas da vida cotidianas. O fato de se dar num espaço mediatizado e ter normas reguladoras estabelecidas (com relação ao controle do tempo, por exemplo) não adultera o sentido da conversação, que se autentica para a audiência por não deixar transparecer a



preparação prévia. Marília Gabriela controla bem os momentos de troca, de modo que o entrevistado consegue concluir seu pensamento sem ter que ser interrompido.

Esta análise demonstra que o telejornalismo contemporâneo está se modificando juntamente com a cultura e destituir o entretenimento e a diversão desse campo não nos ajuda a pensá-lo enquanto processo cultural (Gomes, 2008). A análise da conversação nos programas jornalísticos televisivos pode ser uma chave para compreendermos como o entretenimento tem agregado valores positivos ao jornalismo contemporâneo.

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 9ª, São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da Cultura de Massa**, 3ª, Rio de Janeiro: Ed. Terra e Paz, [1936] 1982, pp. 209-240.
- BRAGA, José Luiz. Sobre a conversação. In: FAUSTO NETO, Antonio, Sérgio Dayrell porto e José Luiz Braga (orgs.) **Brasil – Comunicação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 289-308.
- BURKE, Peter. **A arte da conversação**. (trad. Álvaro Luiz Hattner). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- DALHGREN, Peter. Journalism as popular culture. In: **Journalism and popular culture**. London, Sage, 2000, p. 1-23.
- DAYAN, Daniel. Quand montrer c'est faire. In: **La terreur spectacle**. 2006, pp. 165-184;
- FRASER, Nancy. Transnacionalizing the public sphere: on the legitimacy and efficacy of public opinion in a post-westphalian world. In: **Theory, Culture and Society**, 24(7), 2007, 7-30.
- GOMES, Itania. **O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico**. Texto em circulação restrita. 2008.
- GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia**, Salvador/UFBA, 2003 (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas);
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, 143p;
- LIVINGSTONE, Sonia M.; LUNT, Peter. **Talk on Television: audience participation and public debate**. London and New York: Routledge, 1994.

Colóquio Internacional
Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br

MATEU, Manuel. La entrevista en televisión. In: BALSEBRE, Armand; MATEU, Manuel; VIDAL, David. La entrevista em radio, televisión y prensa. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998, pp. 149-244..

MILLER, Stephen. **Conversation – a history of a declining art**. New York: Vail-Ballou Press, 2006.
ORNEBRING, Henrik. Televising the Public Sphere. Forty years of current affairs debate programmes on Swedish television, in **European Journal of Communication** Vol 18 (4), 2003, 501-527;

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial, SP, Summus Editorial, 2000;

TARDE, Gabriel. A opinião e a conversação. In: **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 79-154.

VERÓN, Eliseo. Esta ahí lo veo, me habla. Tradução Maria Rosa Del Coto. In: **Enunciacion et cinema**, Revista Comunicativa, n. 38, Seul, Paris, 1983.

WILLIAMS, Raymond. Gêneros. In: **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp. 179-184.

WOLF, Mauro. **Sociologia de la vida cotidiana**. Madri: Cátedra, 1994.